

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abráao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia: a ciência do bem-estar / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-760-4

DOI 10.22533/at.ed.604212801

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins
(Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A definição de saúde pela Organização Mundial da Saúde se apresenta como um estado de completo bem-estar físico, mental e social. Dentro dessa perspectiva a Psicologia, como uma ciência do psiquismo, se estrutura em torno da ideia de promover, nos mais variados modos de atuação, um estado de saúde a de no indivíduo e na sociedade.

A Coleção *Psicologia: A Ciência do Bem-Estar* conta com 26 artigos nos quais os autores abordam diversas contribuições da Psicologia à saúde mental e social do sujeito humano.

Nos Capítulos 1 ao 4 os autores discorrem a partir da criação freudiana uma análise do superego em personagens cinematográficos; discutem a questão do apagamento da mulher lésbica que a estrutura patriarcal e heteronormativa impõe; abordam a causa de algumas marcas que resultam em sofrimento psíquico como a depressão, a drogadição e a autolesão; e evidenciam o estado da sociedade brasileira tomando o cenário atual do Coronavírus (COVID-19) pela marca do desamparo e negacionismo.

Nos Capítulos 5 ao 7 as práticas do atendimento psicológico são levadas à reflexão. Diante do isolamento, se coloca em questão o atendimento online que apresenta muitos desafios, além da própria relação médico-paciente nessa modalidade de telemedicina. Retomando o habitual, tem-se a discussão do diagnóstico numa perspectiva mais humanista.

O social entra em questão nos Capítulos 8 ao 14. As discussões abordam a criminalização e uma espécie de contraviolência dirigida à figura do bandido; a proposta de clínica ampliada como medida social de reintegração à população em situação de rua; a discussão sobre os possíveis efeitos do aborto à saúde mental da mulher; a percepção da adolescência pela família, nas questões de iniciação sexual, autolesão, sobrepeso; as contribuições da psicologia na avaliação quanto ao porte de arma; e o impacto subjetivo do diagnóstico do diabetes *mellitus* gestacional.

Nos Capítulos 15 ao 20 é a infância que é tomada como objeto. As pesquisas vão ao encontro das questões do desenvolvimento humano, desde a possibilidade de reabilitação neuropsicológica em crianças com o Transtorno do Espectro do Autismo; a relação de hierarquia da parentalidade; a importância da ludicidade no desenvolvimento infantil; o manejo dos Transtornos de Neurodesenvolvimento; a relação das crianças na construção do espaço que vivem; e os fatores de risco para o desenvolvimento de Personalidade Antissocial.

Os últimos Capítulos, do 21 ao 26, são agrupados os trabalhos que abordam técnicas e perspectivas para a promoção do bem-estar. Tem-se a Perspectiva Temporal e a Regulação Emocional; o Colóquio Relacional e o Genograma; o trabalho com a resiliência e

o autocuidado; a busca da felicidade pelo autoconhecimento; o aconselhamento psicológico; e o método restaurativo na saúde mental.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE AS DIMENSÕES DO SUPEREU EM TRÊS PERSONALIDADES FÍLMICAS

Débora dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.6042128011

CAPÍTULO 2..... 12

PATRIARCADO, HETERONORMATIVIDADE E TABU: O APAGAMENTO SOCIAL DA MULHER LÉSBICA

Ingrid Freitas da Silva

Raquel Lisboa Tinoco Braga

Erika Conceição Gelenske Cunha

DOI 10.22533/at.ed.6042128012

CAPÍTULO 3..... 26

A ETIOLOGIA PSÍQUICA DAS FORMAS DE SOFRIMENTO PSÍQUICO CONTEMPORÂNEO: DEPRESSÃO, RECURSO À DROGA E AUTOLESÃO

Claudia Henschel de Lima

Julia da Silva Cunha

Maria Stela Costa Vliese Zichtl Campos

Thalles Cavalcanti dos Santos Mendonça Sampaio

DOI 10.22533/at.ed.6042128013

CAPÍTULO 4..... 39

PSICANÁLISE E POLÍTICA: ANÁLISE DO DESAMPARO E O NEGACIONISMO NO CENÁRIO DO CORONAVÍRUS (COVID-19)

Everaldo dos Santos Mendes

Amanda Marques Pimenta

Alex Junio Duarte Costa

DOI 10.22533/at.ed.6042128014

CAPÍTULO 5..... 56

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO ONLINE: PERSPECTIVAS E DESAFIOS ATUAIS DA PSICOTERAPIA

Adriana Barbosa Ribeiro

Luciane Patrícia Dias da Silva

Eliane Patrícia Ulkovski

DOI 10.22533/at.ed.6042128015

CAPÍTULO 6..... 65

A RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE: PRINCÍPIOS ÉTICOS E SITUAÇÕES-PROBLEMA

Rafael Nogueira Furtado

Isabela Maria Oliveira Souza

DOI 10.22533/at.ed.6042128016

CAPÍTULO 7	74
O OLHAR DA GESTALT-TERAPIA SOBRE O DIAGNÓSTICO	
Ana Paula de Souza Ferreira Esquivel Renato Martins Ribeiro Erika Gelenske	
DOI 10.22533/at.ed.6042128017	
CAPÍTULO 8	92
O QUE O ÓDIO AO(À) 'BANDIDO(A)' TEM A DIZER SOBRE A SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	
Gabriela Araújo Fornari Sylvia Mara Pires de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.6042128018	
CAPÍTULO 9	103
GRUPO DE APOIO NA CLÍNICA AMPLIADA PARA OS USUÁRIOS DO CENTRO POP	
Karine da Cunha Leou Marcos Moraes de Mendonça Kelly Cristina Borges da Silva Andressa Maria de Oliveira Fabiana Cabral Gonçalves Meire Perpétua Vieira Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.6042128019	
CAPÍTULO 10	116
OS POSSÍVEIS EFEITOS DO ABORTO NA SAÚDE MENTAL DA MULHER BRASILEIRA E O PAPEL DA PSICOLOGIA	
Erika Conceição Gelenske Cunha Karina Nunes Tavares Martins Simone Langanó Figueredo	
DOI 10.22533/at.ed.60421280110	
CAPÍTULO 11	127
PERCEÇÃO DO APOIO FAMILIAR, INICIAÇÃO SEXUAL E AUTOLESÃO NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO UTILIZANDO O HEALTH BEHAVIOR IN SCHOOL-AGED CHILDREN NA REGIÃO AMAZÔNICA NO BRASIL	
Maria Letícia Marcondes Coelho de Oliveira Diego Gómez Baya Gina Quinás Tomé Marta Reis Juliana Maltoni Nogueira Carmem Beatriz Neufeld Margarida Gaspar de Matos Carolina Saraiva de Macedo Lisboa	
DOI 10.22533/at.ed.60421280111	

CAPÍTULO 12.....	139
AVALIAÇÃO PARA CIRURGIA BARIÁTRICA EM ADOLESCENTE COM SOBREPESO	
Fernanda Gonçalves da Silva	
Rosicleide Araujo	
Natália Nunes	
Joice Barbosa	
Joice Reis	
DOI 10.22533/at.ed.60421280112	
CAPÍTULO 13.....	150
A CONTRIBUIÇÃO DO PSICÓLOGO PARA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA AO PORTE E POSSE DE ARMA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	
Marcela Vieira de Freitas	
Michele Francisca Anteportam dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.60421280113	
CAPÍTULO 14.....	172
IMPACTO SUBJETIVO DO DIAGNÓSTICO DO DIABETES MELLITUS GESTACIONAL	
Mariana da Silva Pereira Reis	
DOI 10.22533/at.ed.60421280114	
CAPÍTULO 15.....	196
REABILITAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA – TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA) COM COMORBIDADE DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (DI)	
Juliana Corrêa da Silva	
Jessica Layanne Sousa Lima	
Thais de Lima Alves Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.60421280115	
CAPÍTULO 16.....	209
HIERARQUIA DA PARENTALIDADE E POSSÍVEIS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO	
Glauce Fonseca Bragança	
Erika Conceição Gelenske Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.60421280116	
CAPÍTULO 17.....	222
A IMPORTÂNCIA DO ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO NO TRATAMENTO DE DOENÇAS CRÔNICAS	
Daniele Amarilha Vioto	
Thalia Zadroski	
DOI 10.22533/at.ed.60421280117	
CAPÍTULO 18.....	226
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL PARA O MANEJO DOS TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO	
Rafael Nogueira Furtado	

Juliana Aparecida de Oliveira Camilo

DOI 10.22533/at.ed.60421280118

CAPÍTULO 19.....233

CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS: TECENDO EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO DO BAIRRO

Zuleica Pretto

Letícia Teles de Sousa

Renata Polidoro Aguiar

Tatiane Garceis dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.60421280119

CAPÍTULO 20.....248

“DE QUEM É A CULPA?” FATORES DE RISCOS DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL

Yloma Fernanda de Oliveira Rocha

Élida da Costa Monção

Ruth Raquel Soares de Farias

DOI 10.22533/at.ed.60421280120

CAPÍTULO 21.....265

PERSPECTIVA TEMPORAL E REGULAÇÃO EMOCIONAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Carlos Eduardo Nórte

Richard dos Santos Ferreira

Luan Felipe de Sousa Dantas

DOI 10.22533/at.ed.60421280121

CAPÍTULO 22.....275

DO COLÓQUIO RELACIONAL E O GENOGRAMA: INSTRUMENTOS PARA UMA ENTREVISTA CLÍNICA

Emilio-Ricci

DOI 10.22533/at.ed.60421280122

CAPÍTULO 23.....289

RESILIENCIA Y AUTOCUIDADO: MIRADA Y ESTRATEGIA PARA UNA VIDA PLENA

Nestor Reyes Rubio

DOI 10.22533/at.ed.60421280123

CAPÍTULO 24.....293

CONHECE-TE A TI MESMO E SÊ FELIZ!

Carlos Fernando Barboza da Silva

DOI 10.22533/at.ed.60421280124

CAPÍTULO 25.....304

A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES LÚDICAS NA FORMAÇÃO HUMANA

Ezequiel Martins Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.60421280125

CAPÍTULO 26.....	315
MÉTODO RESTAURATIVO E SAÚDE MENTAL: TEMPO, TOQUE, AFETO E DIÁLOGO EM GRUPOS COM DE FADIGA DE EMPATIA	
Miila Derzett	
Felipe Brognoli	
DOI 10.22533/at.ed.60421280126	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	330
ÍNDICE REMISSIVO.....	331

CAPÍTULO 2

PATRIARCADO, HETERONORMATIVIDADE E TABU: O APAGAMENTO SOCIAL DA MULHER LÉSBICA

Data de aceite: 01/02/2021

Ingrid Freitas da Silva

ID Lattes: 7775342114164688

Raquel Lisboa Tinoco Braga

ID Lattes: 1363079302235093

Erika Conceição Gelenske Cunha

ID Lattes: 6452483820695747

RESUMO: O artigo busca compreender, através de um olhar da psicanálise e da psicologia analítica, a relação entre a estrutura patriarcal e heteronormativa e o apagamento social da mulher lésbica, analisando como os papéis designados à mulher e ao homem foram criados socialmente com o único objetivo de manter a dominação masculina em relação às mulheres, estruturando a sociedade inteira a partir da perspectiva heterossexual. Assim, como a lesbianidade contradiz o sistema patriarcal e heteronormativo, ameaçando sua perpetuação, a vivência lésbica vem a ser considerada errada e exposta como um estigma social e, em consequência disso, acabam sendo negligenciadas pelos serviços de políticas públicas e sendo vítimas de violências físicas e simbólicas. Evidenciando assim, que ao serem submetidas à invisibilidade social, a falta de representatividade em diversos âmbitos vem a ser uma ameaça constante à existência lésbica.

PALAVRAS-CHAVE: Patriarcado, heteronormatividade, heterossexualidade compulsória, lesbianidade, apagamento lésbico.

ABSTRACT: The article seeks to understand, through a view of psychoanalysis and analytical psychology, the relation between the patriarchal and heteronormative structure and the social erasure of lesbian woman, analyzing how the roles assigned to woman and man were created socially with the sole objective of maintain male dominance over woman, structuring the entire society from a heterosexual perspective. Therefore, as lesbianity contradicts the patriarchal and heteronormative system, threatening its perpetuation, the lesbian experience comes to be considered wrong and exposed as a social stigma and, as result, they end up being neglected by public policy services and being victims of physical and symbolic violence. Thereby evidencing that, when subjected to social invisibility, the lack of representativeness in different areas becomes a constant threat to the lesbian existence.

KEYWORDS: Patriarchy, heteronormativity, compulsory heterosexuality, lesbianity, lesbian erasure.

1 | INTRODUÇÃO

O sistema patriarcal, advindo da época da colonização, dava ao homem o direito de posse e controle sobre a vida da mulher, decidindo quais papéis seriam designados à ela. Enquanto o homem era encarregado de trabalhar e sustentar a família, era dever da mulher cuidar da casa, educar os filhos e estar à disposição de seu marido (BORIS E CESÍDIO 2007). Segundo Fischer (2001) citado por Boris e Cesídio (2007, p.8): “o processo de

socialização impunha a disposição da mulher a obedecer, o conhecimento claro do que era certo e do que era errado, bem como a capacidade de se conter”.

Desse modo, como aponta Rich (2010), torna-se inevitável a ideia de que o casamento e a sexualidade devem se voltar ao homem. A heterossexualidade é imposta e reforçada com o objetivo de garantir o acesso masculino não somente à esfera de poder físico, mas também aos aspectos emocionais, econômicos, políticos e culturais das mulheres. Assim, Wittig (1992/2006), Rich (2010) e Soares e Costa (2014) consideram a heterossexualidade um regime político que visa manter a relação de domínio dos homens em relação às mulheres. Uma das formas de reforçar a heterossexualidade obrigatória é apagar e invisibilizar a possibilidade lésbica (RICH 2010).

Em uma análise do contexto sócio-histórico acerca da heteronormatividade e do apagamento lésbico, Rich (2010) nos chama a atenção para a atual dinâmica política, evidenciando que tal cenário hostil e insalubre se mostra em ascensão e traz consigo a busca pela retomada e manutenção de valores e princípios conservadores que visam um perpetuamento da estigmatização da mulher e de sua liberdade sexual. Surge então a reflexão de que assumir-se lésbica perante o contexto do atual e cíclico cenário sócio-político que se baseia em princípios patriarcais, impondo e reforçando ao feminino a heteronormatividade como uma única via de direcionamento sexual e afetivo, vem a ser, também, um ato político que marca a existência lésbica como uma força contrária de resistência ao sistema. (MONGROVEJO, 2010, p. 163 apud SOARES e COSTA, 2014).

A partir das questões apresentadas, o presente artigo traz como problemática a contribuição do patriarcado e da heteronormatividade para o apagamento social da mulher lésbica, tendo como objetivo geral compreender à luz da psicologia (psicanalítica e analítica) como o patriarcado e a heteronormatividade contribuem para o apagamento social da mulher lésbica. Com isso, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- I. Analisar a construção patriarcal e heteronormativa na história e nos dias atuais.
- II. Investigar, pela perspectiva psicanalítica, como o patriarcado e a heterossexualidade compulsória geram e perpetuam tabus através da vivência da mulher.
- III. Estabelecer, pela ótica da psicologia analítica, a relação entre a sombra coletiva e a sociedade patriarcal.
- IV. Discutir as causas e efeitos do apagamento social da mulher lésbica.

Segundo Peres, Soares e Dias (2018), o número registrado de mortes de lésbicas no Brasil está aumentando a cada ano, tanto por assassinatos como por suicídios, o que revela que os direitos básicos de saúde, segurança, dignidade e existência estão gravemente ameaçados. No entanto, os dados registrados ainda estão longe de representarem a quantidade real de óbitos de mulheres lésbicas, visto que:

A questão da orientação sexual das mulheres assassinadas no Brasil não consta como um dado fundamental na maioria dos estudos atuais do feminicídio, o que demonstra uma falta de dados sobre lesbofobia e também um aspecto da lesbofobia institucional e da invisibilidade lésbica (PERES, SOARES e DIAS 2018, p. 21).

Com isso, este artigo justifica-se pela necessidade de romper com esse sistema que visa o constante apagamento da lesbianidade, tendo em conta que para lutar contra as estatísticas de violência é preciso primeiro sair da invisibilidade (LIMA 2018).

A pesquisa ocorrerá de forma bibliográfica, a partir de revisões de literaturas clássicas, tendo como base as abordagens psicológicas da psicanálise de Freud e da psicologia analítica de Jung, e também através de livros e artigos científicos atuais de diversos autores, como Adrienne Rich, Monique Wittig, Naomi Wolf, entre outros. A pesquisa apresenta caráter descritivo e qualitativo, visando compreender de modo interpretativo os assuntos que serão abordados.

21 A CONSTRUÇÃO PATRIARCAL E HETERONORMATIVA NA HISTÓRIA E NOS DIAS ATUAIS

No período pós-colonial, as mulheres não eram consideradas indivíduos de consciência própria, mas sim propriedades individuais, do pai ou do marido, e coletivas, vistas sempre como disponíveis para a satisfação e posse dos homens (WITTIG 1992/2006). Como ressaltam Boris e Cesídio (2007), as mulheres e as crianças eram julgadas como não tendo nenhuma importância, não podendo demonstrar suas opiniões nem agir conforme suas vontades, deviam somente acatar as normas estabelecidas pelo patriarca. Ao assinar um contrato matrimonial, a mulher deixava de ser uma cidadã resguardada pela lei e passava a ser uma propriedade de seu marido (WITTIG 1992/2006). Além disso, no período de 1890 à 1930, os médicos acreditavam que no organismo da mulher existia uma ligação entre o útero e o sistema nervoso central, pressupondo então que durante a gravidez se a mulher realizasse atividades intelectuais, o feto poderia ficar doente ou ter uma má formação, com isso as funções intelectuais eram designadas somente aos homens, já que eles não corriam esse perigo (ANGELI, 2004 apud BORIS e CESÍDIO, 2007).

A partir disto, Wittig (1992/2006) e Bourdieu (2020) apontam que a ideia da diferença dos sexos, a diferença dos papéis sociais do homem e da mulher, tem como justificativa um discurso biológico, naturalista, mas não passam de constructos sociais e políticos que visam legitimar e manter a dominação masculina à custa da exploração das mulheres. Wittig (1992/2006) aponta que o conceito de mulher é na verdade um mito que foi criado socialmente e perpetuado através da cultura com a finalidade de deixar clara a diferenciação entre os sexos mantendo sempre um controle em relação ao corpo da mulher. Adotar um discurso naturalista, assumindo que a diferença entre os sexos é apenas biológica, é naturalizar todas essas opressões impostas às mulheres, impossibilitando

qualquer modificação (WITTIG 1992/2006). Desse modo, a força da dominação masculina se mantém constante pelo simples fato de não precisar de justificativa, uma vez que: “a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (BOURDIEU 2020, p.24).

O surgimento dos movimentos feministas trouxe à tona em seus discursos, de forma crítica, a problemática da falácia que sustentava e fortalecia o discurso da desigualdade de gênero, questionando não apenas o saber biológico de caráter dogmático que nos era imposto, mas também acerca das relações que se ramificavam nas esferas sociais que atribuíam às mulheres um papel de subordinação em relação aos homens. Em consequência disso, tais reivindicações surtiram em conquistas que asseguraram às mulheres o direito de exercer sua cidadania política e social e, também, a ocupar espaço no mercado de trabalho (OTTO 2004).

Entretanto, conforme as mulheres foram conquistando novos locais, introduzindo novos costumes, novas possibilidades, os espaços e instituições controladas por homens, que se beneficiavam da dominação masculina, se sentiram ameaçados pela independência das mulheres, passando então a atacar a imagem das feministas, caracterizando-as como feias, masculinizadas, defeituosas, desagradáveis, lésbicas, com o objetivo de desviar a atenção das questões abordadas e deslegitimar o movimento (WOLF 2020). Assim, as conquistas feministas são provenientes de um contexto sociopolítico impermeabilizado por princípios patriarcais em que, de acordo com Saltman (1992) citado por Facio e Fries (2005), vem a ser explícito que as relações ainda desempenham uma performance pautada na hierarquia de gênero, desfavorecendo mulheres e empregando à elas uma posição subalterna, tanto no âmbito político quanto no econômico. Dessa forma, Mackinnon (1979) citada por Rich (2010) acentua que as mulheres não são selecionadas para o trabalho por terem qualificações na área, mas sim por serem vistas como atrativos sexuais para os homens, sendo o assédio sexual algo inerente ao ambiente de trabalho, restando às mulheres aceitarem e se adaptarem à tal cenário hostil se quiserem manter-se empregadas. Conforme Wolf (2020) destaca, a beleza é designada como obrigatória para as mulheres, sendo tal beleza considerada uma moeda que serve à um propósito político de manter uma dependência econômica, física e cultural das mulheres, assim:

Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram (WOLF 2020, p. 29).

A partir disso, Wittig (1992/2006) enfatiza que essa estrutura fundada envolta da ideia da diferença natural dos sexos, cria a sociedade de modo heterossexual, fazendo com que as mulheres sejam submetidas à uma heterossexualidade compulsória. Segundo Butler (2008) citado por Soares e Costa (2014, p.5): “A heteronormatividade baseia-se na naturalidade e na associação obrigatória entre sexo e reprodução, criando um sistema de

reforço desta na base da reprodução social”. A partir do momento em que uma mulher tenta seguir em direção contrária à heteronormatividade, uma das formas de manipulação mental que visa impedir a lesbianidade é retratá-la nos meios midiáticos, literários e científicos como uma mulher que nega o homem como objeto de desejo por consequência de uma desilusão e, assim, atribuindo às mulheres lésbicas uma característica de amargurada ou rejeitada (LESSING, 1962 apud RICH, 2010). Com base nesse discurso, Soares e Costa (2014) explanam que as tentativas de inviabilizar tanto o feminismo quanto a lesbianidade provém de um mesmo núcleo estereotipado que visa atribuir vínculo entre ambas por via da marginalização de que ser lésbica ou feminista acarretariam as consequências de um perigo iminente de aniquilação da feminilidade, tornando assim a heteronormatividade compulsória cada vez mais atrativa e mitificada, explorando e induzindo a performance de feminilidade massiva como um dos atributos mais importantes para uma mulher na tentativa de que tais discursos vingassem para que o poder de emancipação da mulher perante uma sociedade patriarcal perdesse sua força.

3 I PATRIARCADO E HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA COMO INSTRUMENTOS QUE GERAM E PERPETUAM TABUS: UMA VISÃO DA PSICANÁLISE

No texto Totem e Tabu, ao investigar o significado da palavra ‘tabu’, Freud (1913/1996), observa a presença de um antagonismo em relação à sua etimologia, por um lado é atribuído ao tabu o conceito de sagrado e por outro lado, atribui-se o conceito de profano. A partir de uma análise desde a formulação dos povos originários até a contemporaneidade, a palavra tabu toma forma e significado principalmente daquilo que é proibido e obscuro, dessa forma, o termo tabu vem a ser uma das primeiras conjunções de instauração de leis não registrado, tendo sua origem anterior à criação da religião, embora tal lei não apresente fundamento, exerce função de algo incontestável e internalizado na sociedade (WUNDT, 1906 apud FREUD, 1913/1996).

Freud (1913/1996) elucida que o descumprimento de um tabu traria consigo consequências punitivas sendo elas de origem religiosa ou social, a primeira é embasada no discurso religioso, no qual o encarregado de punir o infrator seria da ordem divina e, a posteriori, a punição se daria pela sociedade. Perante a sociedade, o violador de um tabu torna-se ele mesmo objeto de tabu, uma vez que se torna um modelo atrativo para os outros indivíduos, o que seria altamente contagioso, desse modo:

Pessoas ou coisas consideradas como tabu podem ser comparadas a objetos carregados de eletricidade; são a sede de um imenso poder transmissível por contato e que pode ser liberado com efeito destrutivo se os organismos que provocam sua descarga são fracos demais para resistir a ele (THOMAS, 1910-1911 apud FREUD, 1913/1996 p. 20).

Segundo Freud (1913/1996) citado por Pombo (2018), o mito do pai da horda em Totem e Tabu, em síntese, se trata do parricídio original, ou seja, do primeiro assassinato da figura patriarcal daquela sociedade primitiva. Desse modo, o parricídio, explanado no mito, aparece ao longo da formação sócio-histórica e cultural sendo perpetuado na medida em que aparece de forma intrínseca nos ensinamentos passados através do senso comum, principalmente, dentro dos núcleos familiares (BIRMAN, 2001 apud POMBO, 2018). Sendo assim, como aponta Freud (1913/1996) citado por Pombo (2018), o pai da horda primitiva representa então a metáfora psicanalítica da origem do patriarcado como uma instituição social, do mesmo modo que o ‘tabu’ se apresenta como um instrumento ‘de lei’ do patriarcado a fim de servir como um regulador da sociedade em prol de uma ‘moralidade’.

Em vista disso, Pombo (2018) ilustra que a partir da figura simbólica que a autoridade patriarcal, em contexto familiar, exerce simbolicamente ao longo da formação psíquica de um indivíduo, sendo ela a que castra ao impor leis visando o que seria ‘certo’ ou ‘errado’, vem a ser a formadora do ‘supereu’, instância do aparelho psíquico cujo funcionamento se dá através da ancoragem do senso de moralidade relacionado aos preceitos socioculturais. Desse modo, Lima e Souza (2016) destacam que o ‘supereu’ seria então regido pelo princípio das interdições morais, desempenhando assim um papel primordial para a manutenção e internalização de proibições e preconceitos que surgem no âmbito sociocultural no qual o indivíduo está inserido.

Através destas conjunções ideológicas oriundas do sistema patriarcal, uma das consequências alcançadas a partir do uso destes instrumentos para controlar a sociedade seria por via do domínio do direcionamento sexual, atribuindo a heteronormatividade como um modelo ideal a se seguir, dessa forma, Toledo (2008) citado por Esteca (2016, p. 19) expõem que: “tudo o que diverge dessa norma é então classificado como imoral, desviante, aberração, doença, pecado e/ou é invisibilizado”. Sendo assim, vem a ser notório que a tenacidade desses princípios e mecanismos geradores de preconceitos internalizados nas esferas políticas, sociais e culturais, advindos da dinâmica patriarcal, são fontes incessáveis de estigmatização social, seja do indivíduo frente à sociedade ou frente a si próprio (ESTECA 2016). Posto isto:

A internalização dessa violência manifestada sob a forma de insultos, injúrias, enunciados depreciativos, condenações morais ou compaixão, conduz muitos homossexuais a lutar contra seus desejos, engendrando, não raro, graves problemas psicológicos. Culpa, ansiedade, vergonha e depressão são as principais manifestações desses problemas (BORRILLO, 2001 apud ESTECA, 2016, p. 15).

4 | RELAÇÃO ENTRE A SOMBRA COLETIVA E A SOCIEDADE PATRIARCAL: UMA ÓTICA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

A sociedade atual vive uma realidade pautada em um monoteísmo da consciência, onde considera-se que o ego seja a totalidade da personalidade do indivíduo, quando na realidade existem diversas outras esferas que constituem a psique humana (informação verbal¹). A partir da cultura, religião, família e grupos de convívio social, o ego é desenvolvido e moldado com um ideal a ser seguido, com normas que ditam o que é certo e errado e o que é aceitável ou não (SANFORD 1988). Desse modo, Withmont (1978) citado por Sanford (1988) expõe que os aspectos da personalidade que vão contra os ideais do ego, são reprimidos e passam a constituir a sombra.

Segundo Hollis (1997), a sombra contém conteúdos da psique que de certa forma ameaçam os objetivos do ego por não corresponderem às suas diretrizes, são conteúdos desconfortáveis, tratados como irrelevantes, que, no entanto, constituem uma parte fundamental da alma humana. Por tais conteúdos gerarem angústia e por serem interpretados como algo errado e mal, em vez de tentar compreendê-los, costuma-se agir como se a sombra não existisse, porém negar a existência da sombra não faz com que ela desapareça, pelo contrário, faz com que fique cada vez mais forte, fazendo com que essa parte reprimida da personalidade acabe sendo projetada nos outros (SANFORD 1988). Desse modo:

Se outras pessoas carregam para nós a projeção do nosso próprio lado obscuro, que odiamos, reagiremos a elas de modo condizente. Passaremos então a odiá-las ou temê-las e não as veremos como elas são, com compreensão e discernimento objetivo, mas iremos encará-las a partir de nossa sombra menosprezada (SANFORD 1988, p.77).

Grupos de pessoas que compartilham os mesmos valores tendem a manifestar um mesmo ideal do ego e conseqüentemente uma mesma sombra coletiva, assim, grupos religiosos, especialmente os que seguem seus dogmas de forma mais rígida, costumam projetar suas sombras em grupos que seguem outras religiões ou em pessoas não religiosas, já que as diferentes opiniões poderiam gerar questionamentos à respeito de suas crenças (SANFORD 1988). A partir disso, Lima Filho (2002) relata que quanto mais a pessoa estiver imersa no grupo, mais ela se distancia de si mesma e se assemelha ao coletivo. Dessa forma: “Quando o consenso coletivo é coeso, o grupo é intolerante para com os desvios em relação à norma coletiva, podendo puni-los com a expulsão ou mesmo a morte” (LIMA FILHO 2002, p.52).

Segundo Neumann (1991) citado por Lima Filho (2002), a partir de influências culturais, sociais, políticas e religiosas, a consciência coletiva vai gradativamente se

1. Informação fornecida por Ajax Salvador e Santana Rodrigues na palestra: “Psicopatologia contemporânea como imagem arquetípica” do congresso: “Mitos e seus reflexos na humanidade” do Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa, realizado online em Outubro de 2020.

afirmando baseada em princípios patriarcais, subjugando as esferas femininas. Como a sociedade ocidental é baseada em princípios judaico-cristãos, o ego coletivo é moldado através dos dogmas da religião, com padrões estabelecidos do que seria considerado correto, como ser bondoso, compreensivo, sexualmente inativo e do que seria errado, ser violento, rancoroso e ter impulsos sexuais (SANFORD 1988).

No catolicismo, a imagem representativa do ideal da mulher é a da Virgem Maria, virgem pura e mãe nutridora, imagem esta que somente retrata uma parcela da completude que é o feminino, com isso, ao pregar esses princípios de pureza e castidade, qualquer aspecto que possa manchar essa imagem é rejeitado e reprimido (LÓPEZ-PEDRAZA 2012). Assim, Sanford (1988) afirma que a moral judaico-cristã incentiva a repressão de impulsos sexuais, já que a sexualidade é retratada como um mal, não sendo de forma alguma vista como um meio saudável de se demonstrar afeto. Portanto:

Ela deve ser sempre uma licenciosidade, deve ser instigada por satã, e nunca é permitida, exceto nos confinamentos estritos do casamento, e ainda assim é uma concessão à fraqueza humana enquanto o caminho mais elevado na vida seria totalmente sem sexo (SANFORD 1988, p.95).

Desse modo, uma imagem que simboliza precisamente essa dimensão do feminino renegado é a de Lilith, que conforme Koltuv (2017) explicita, ao negar-se à abrir mão de sua liberdade para submeter-se à Adão, Lilith sai do Paraíso e vai para um exílio no deserto, passando a ser considerada um demônio, a serpente que tenta Eva à comer o fruto proibido, um ser impuro, uma prostituta sedutora que desvia os homens do caminho do bem, tudo isso porque ela rompe com o sistema de opressão do patriarcado ao escolher: “a separação diante da coerção ou submissão no interior do ‘abrigo da convicção tradicional’” (KOLTUV 2017, p.49). Sanford (1988) afirma que os indivíduos que não vivem em concordância com o ideal coletivo são considerados inimigos, sendo despersonalizados e vistos como objetos de ódio e não mais como seres humanos. Logo, as mulheres que assim como Lilith reivindicam por igualdade e recusam-se a aceitar o encarceramento do sistema patriarcal, são despersonalizadas a ponto de serem vistas como demoníacas, sendo suprimidas e exiladas na sombra coletiva (KOLTUV 2017).

Além disso, Hollis (1997) afirma que a construção social da representação do masculino é enraizada em um complexo de poder, onde a competição, violência, insegurança e medo estão sempre presentes. Jung (2013) classifica os complexos como instâncias energéticas autônomas da psique que ao serem ativadas assimilam e ultrapassam o controle da consciência, tomando conta da personalidade e retirando a liberdade do ego. Desse modo, tomados pelo complexo do poder, os homens constantemente oprimem as mulheres na expectativa de que a partir desse controle sobre elas, consigam também dominar seus próprios medos, já que: “o homem oprime aquilo que ele teme” (HOLLIS 1997, p. 48). Assim, Hollis (1997) completa que as opressões realizadas contra as mulheres e contra os homossexuais são resultadas do medo do homem machista de reconhecer o

seu lado feminino. À essa esfera feminina presente na alma do homem, Jung (2014) deu o nome de Anima, declarando que: “Tudo o que é tocado pela alma torna-se numinoso, isto é, incondicional, perigoso, tabu, mágico. Ela é a serpente no paraíso do ser humano inofensivo” (JUNG 2014, p. 36).

Dessa forma, Sanford (1988) conclui que o único modo de se obter uma transformação tanto pessoal quanto coletiva, é através do reconhecimento da sombra. Somente ao entrar em contato com a alma e com os aspectos sombrios da psique que será possível romper com os padrões tirânicos e devoradores do patriarcado (BOECHAT 2009).

5 | CAUSAS E EFEITOS DO APAGAMENTO SOCIAL DA MULHER LÉSBICA

A sociedade foi desenvolvida a partir de uma perspectiva masculina, onde o ponto de vista patriarcal foi o responsável por moldar a cultura e determinar quem deve ter visibilidade ou não (WOLF 2020). Assim, conforme foi exposto na primeira sessão, logo após o surgimento dos movimentos feministas, pessoas contrárias à independência e libertação das mulheres, começaram a atacar a imagem das feministas, classificando-as como masculinizadas, lésbicas, como se o feminismo e a feminilidade fossem instâncias opostas. Desse modo, a ascensão dos movimentos feministas ocorreu em um cenário dominado pela heterossexualidade, fazendo com que várias integrantes do movimento evitassem abordar o tema da lesbianidade com receio de serem interpretadas como lésbicas e não obterem o reconhecimento desejado (OLIVEIRA, 2007 apud SOARES e COSTA, 2014). Portanto, Soares e Costa (2014, p.43) relatam que: “o medo de perder a feminilidade revela-se como o calcanhar de Aquiles do feminismo”.

De acordo com Carvalho, Calderaro e Souza (2013), a supremacia dos princípios heteronormativos que se cristalizou ao longo da construção histórica universal suscitou em um hiato no que tange a existência da vivência lésbica. A partir disso, o pouco que se sabe acerca da lesbianidade é resultado do processo de apagamento histórico dos registros que trazem à luz o conhecimento de tal existência ao longo da formação sociocultural, este mecanismo invisibilizador seria então produto de criação patriarcal a fim de manter o domínio da heteronormatividade como uma única opção de direcionamento sexual e afetivo, censurando assim, toda e qualquer possibilidade de vivência positiva que a lesbianidade poderia provocar (RICH 2010). Em vista disso:

O silenciamento histórico em que se pautou a experiência feminina da homossexualidade foi sustentado por uma política do esquecimento, ou seja, o modelo patriarcal que promoveu visibilidade e ascensão do masculino, além de renegar o importante papel do feminino neste registro, também obscureceu a experiência afetivo-sexual que dispensava a presença masculina (NAVARRO-SWAIN, 2000 apud CARVALHO, CALDERARO E SOUZA, 2013, p.5).

Desse modo, o ato de dizimar os registros da presença da lesbianidade, renegando à ela o direito de participar ativamente ao longo da construção histórica, faz com que

toda a sua existência fique à margem do esquecimento social, sendo assim, Navaro-Swain (2000) citada por Carvalho, Calderaro e Souza (2013, p.5) exemplifica que: “as mulheres, na Inquisição (em meados do séc. XVII), eram acusadas de serem bruxas por suas práticas homossexuais e que, na ausência de termo para nomeá-las, eram chamadas de ‘sodomitas’”, termo pejorativo que era destinado principalmente à homens gays. Em consequência disso, como aponta Rich (2010), a lesbianidade passa a aparecer, então, como uma derivação da homossexualidade masculina determinando às mulheres o uso errôneo da terminologia “gay”, essa não diferenciação coloca à prova, amiúde, o quão a lesbianidade é assombrada pelos mecanismos patriarcais e heteronormativos de omitir sua existência. O histórico da lesbianidade então é marcado por invisibilidade e falta de reconhecimento, já que não tiveram espaço nos movimentos feministas nem no movimento homossexual, uma vez que este último era pautado em uma perspectiva falocêntrica favorecida pelo discurso naturalista (SOARES e COSTA 2014).

A cultura patriarcal e heteronormativa tem entranhada a ideia de que os homens possuem um direito sexual sobre as mulheres (RICH 2010). Assim, como as lésbicas estão fora desse sistema opressor que exige a submissão da mulher para garantir o direito dominador do homem, elas passam a ser alvo de ódio e de punições severas (PERES, SOARES e DIAS 2018). Tendo em vista a realidade da lesbianidade dentro dessa sociedade completamente heterocêntrica, Peres, Soares e Dias (2018, p.27) explicitam que: “Ser lésbica é compreender que não existem espaços feitos para você e que sua existência nunca será validada pelo entorno social”. O preconceito com as lésbicas é constante e ocorre em diversas esferas, pessoais e coletivas, como na família, no trabalho, na política, na área da saúde, ainda mais em casos em que se tem um acúmulo de inúmeras opressões, por ser negra, pobre, ter alguma deficiência ou ser de algum outro grupo marginalizado pela sociedade, o que ocasiona muitas vezes a privação de direitos básicos que deveriam ser garantidos à todos (PERES, SOARES e DIAS, 2018).

O processo de silenciamento sócio-histórico sofrido pela vivência lésbica resultou em sequelas que até hoje se mostram presentes, como por exemplo, na carência de políticas públicas voltada especificamente para mulheres lésbicas, sendo assim, Carvalho, Calderaro e Souza (2013) evidenciam que o desamparo político em relação ao aparato de saúde pública atinge principalmente lésbicas de classe econômica inferior e as que ‘não performam feminilidade’. Em alusão a isso, as autoras apontam que:

A escassa, ou quase inexistente, produção científica abordando a temática saúde e homossexualidade feminina no Brasil; a inexistência de políticas de saúde consistentes para o enfrentamento das dificuldades e necessidades desta população; o precário conhecimento sobre suas demandas e a ausência de tecnologias de cuidado à saúde adequadas, aliados à persistência de pré-noções e preconceitos, convertem-se, no âmbito da saúde pública, por exemplo, no desperdício de recursos, no constrangimento produzido no atrito das relações no interior dos serviços de saúde, na assistência inadequada

(FACCHINI e BARBOSA, 2006 apud CARVALHO, CALDERARO e SOUZA, 2013, p.5-6).

Desse modo, Dinis (2011) elucida que o reflexo da política de silenciamento surte outro efeito significativo, transparecendo a sua hostilidade, também, no âmbito escolar e fazendo com que assim a violência física, simbólica e verbal esteja presente desde as primeiras socializações na vivência lésbica. As opressões constantes vividas em tal cenário vêm a serem mascaradas por parte dos professores que omitem a 'justificativa' da violência sofrida na tentativa de que outros estudantes não tenham conhecimento de outras formas de expressões fora da heteronormatividade (LOURO, 1997 apud DINIS, 2011). Parte-se então do princípio de que o silenciamento também é uma forma de violência, sendo assim:

Existe o medo de que a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que os/as jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas. A ideia é que as informações e as pessoas que as transmitem agem com a finalidade de "recrutar" jovens inocentes. (...) Também faz parte desse complexo mito a ansiedade de que qualquer pessoa que ofereça representações gays e lésbicas em termos simpáticos será provavelmente acusada ou de ser gay ou de promover uma sexualidade fora da lei. Em ambos os casos, o conhecimento e as pessoas são considerados perigosos, predatórios e contagiosos. (BRITZMAN, 1996 apud DINIS, 2011, p.5).

A falta de pertencimento nos espaços públicos, a invisibilidade, a falta de representatividade, o isolamento, acarretado pela imposição da heterossexualidade às lésbicas, as tentativas falhas de se enquadrarem nos padrões heteronormativos, muitas vezes geram uma exaustão psicológica, uma baixa autoestima, podendo levar ao suicídio (PERES, SOARES e DIAS 2018). Nas mulheres lésbicas, o suicídio pode ocorrer em qualquer idade, etnia, classe social, todavia é mais comum acontecer em lésbicas jovens que 'performam feminilidade', já que estas só começam a enfrentar maiores adversidades externas durante a adolescência quando começam a se relacionar com outras mulheres, a partir desse ponto, espaços que antigamente lhes eram acolhedores, passam a tratá-lhes de maneira hostilizada, assim, Peres, Soares e Dias (2018) consideram o suicídio lésbico um crime realizado pela sociedade como um todo, por não proporcionarem o mínimo necessário para que tenham uma vida digna. Em contrapartida, as lésbicas que não 'performam feminilidade' não apresentam uma taxa de suicídio muito alta, mas são as que mais são assassinadas, na maioria das vezes por homens, desde familiares até desconhecidos, que se vêem no dever de manter a imagem idealizada da família patriarcal heteronormativa, eliminando qualquer pessoa que possa manchar tal imagem, assim, em relação aos homens da própria família da vítima, Peres, Soares e Dias (2018, p.26) relatam que:

Esses homens partem de uma premissa fundamentada no patriarcado que delega aos homens o direito sobre as mulheres da família, como extensão do seu poder, e sentem-se no direito de gerir a vida e a morte delas de acordo com seus próprios valores.

Desse modo, Peres, Soares e Dias (2018) expressam que por mais que os números de assassinatos e suicídios de lésbicas estejam crescendo, o lesbocídio ainda não é reconhecido como um crime de ódio, contribuindo ainda mais para a manutenção do apagamento lésbico, devido à escassez de informações relacionadas às mortes de lésbicas, ainda mais quando são negras ou indígenas. Com isso, Peres, Soares e Dias (2018, p. 103) explicitam que: “a ausência de informações é demonstrativo de lesbofobia, de racismo, de machismo, de classismo e de tantos outros preconceitos agregados que constroem o perfil e o sentido do descaso com estas pessoas no Brasil e no mundo”.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas pesquisas realizadas durante a produção do presente artigo, ficou claro que o sistema patriarcal e heteronormativo exerce influência direta no apagamento social da mulher lésbica, visto que a construção da sociedade e da cultura, desde a antiguidade até os dias atuais, teve como foco a perpetuação dos princípios patriarcais e heteronormativos, eliminando tudo que fosse contrário aos valores pregados. Sendo assim, dentro da sociedade patriarcal, o lugar atribuído à mulher é o de submissa ao homem, devendo sempre estar à disposição das vontades e prazeres masculinos. Desse modo, simplesmente pelo fato de existirem, as lésbicas contrariam toda essa estrutura sexista, ameaçando sua continuidade, tornando-se, então, alvo de ódio, de violência, tanto física quanto psicológica.

Dessa forma, de acordo com a perspectiva psicanalítica apresentada neste artigo, a marginalização da lesbianidade aparece socialmente como uma existência ‘contagiosa’ atribuindo e impondo a ela característica de um objeto de tabu. Sendo assim, evidencia-se o papel que a lei do tabu desempenha ao se tornar um mecanismo de controle heteronormativo e patriarcal que passa a determinar quem torna-se ou não objeto de tabu, sustentando assim os discursos de ódio de cunho religioso e/ou social contra a lesbianidade.

Conforme exposto na terceira sessão, a consciência coletiva na sociedade ocidental sofre influências da cultura judaico-cristã, sendo estruturada a partir de princípios patriarcais, assim, tudo que é contrário à tais princípios é considerado errado, visto como ameaça e é exilado na sombra coletiva. Com isso, como a imagem ideal da mulher no patriarcado é de pureza, castidade e devoção ao homem, as mulheres lésbicas, por não estarem disponíveis à dominação masculina, assim como Lilith, são despersonalizadas e vistas como demoníacas.

Tal repulsa à lesbianidade é percebida em diversas esferas sociais, desde relacionamentos particulares até o descaso na segurança e na saúde pública, evidenciando que há um enorme negligenciamento com as demandas das mulheres lésbicas, invisibilizando-as perante a sociedade. Essa invisibilidade também se mostra presente no âmbito acadêmico, onde nota-se uma escassez de materiais que abordem a realidade lésbica. Assim, ao expor a construção patriarcal e heteronormativa como fator determinante para o apagamento lésbico, o presente artigo tem o intuito de romper com a invisibilidade ao trazer essa pauta para o campo da psicologia, ampliando as possibilidades de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BOECHAT, Walter. **A mitopoese da psique**: mito e individuação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. CESÍDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade**: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. Revista Mal-estar e subjetividade. Vol. VII. N°2. p. 451 – 478. Fortaleza. Setembro/2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

DINIS, Nilson Fernandes. **Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência**. Educar em Revista, n. 39, p. 39-50, jan./abr. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

CARVALHO, Cintia Sousa; CALDERARO, Fernanda; SOUZA, Solange Jobin. **O dispositivo “Saúde de Mulheres Lésbicas”**: (in)visibilidade e direitos. Psicologia Política. Vol.13. N° 26. Jan. Abril, 2013.

ESTECA, Fabiana Mara. **Impactos da heteronormatividade sobre a conjugalidade lésbica**: uma análise psicanalítica a partir do relato de mulheres separadas. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, University of São Paulo, São Paulo, 2016.

FACIO, Alda; FRIES, Lorena. **Feminismo, gênero y patriarcado**. Academia. Revista sobre enseñanza del derecho de Buenos Aires, 2005.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIII, p. 13-163. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (original publicado em 1913).

HOLLIS, James. **Sob a sombra de saturno**: a ferida e a cura dos homens. São Paulo: Paulus, 1997.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith**: o resgate do lado sombrio do feminino universal. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

LIMA FILHO, Alberto Pereira. **O pai e a psique**. São Paulo: Paulus, 2002.

LIMA, Alan Souza; SOUZA, Maurício Rodrigues. **O pai da horda e o supereu**: de um prenúncio da instância. *Psicol. USP*, v. 27, n. 3, p. 420-428. São Paulo, 2016.

LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. *Ártemis e Hipólito: mito e tragédia*. Petrópolis: Vozes, 2012.

OTTO, Clarícia. **O feminismo no Brasil**: suas múltiplas faces. *Rev. Estud. Fem.* v.12, n. 2, p. 238-241, Florianópolis, 2004.

PERES, Milena Cristina Carneiro; SOARES, Suane Felipe; DIAS, Maria Clara. **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil**: de 2014 até 2017. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018.

POMBO, Mariana. **Crise do patriarcado e função paterna**: um debate atual na psicanálise. *Psicol. Clin.* Vol.30, n.3, p. 447-470. Rio de Janeiro, 2018.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidade, vol.12, n.5. 2012.

SANFORD, John A. **Mal**: o lado sombrio da realidade. São Paulo: Paulus, 1988.

SOARES, Gilberta Santos; COSTA, Jussara Carneiro. **Movimento lésbico e movimento feminista no Brasil**: recuperando encontros e desencontros. 2014.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Barcelona. Egales, 2006.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contras as mulheres. 12. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 188, 189, 279
Aconselhamento Psicológico 222, 223, 225
Adolescência 22, 32, 120, 124, 125, 127, 128, 129, 134, 136, 137, 148, 149, 220, 221, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 276
Apagamento Lésbico 12, 13, 23, 24
Aspectos Psicológicos 65, 79, 142
Atendimento Psicológico 56, 58, 61, 64
Autoconhecimento 285, 293, 294, 302, 315, 321, 323, 324, 325
Autocuidado 67, 105, 177, 178, 190, 191, 194, 203, 204, 289, 290, 291, 292, 324, 325
Autolesão 26, 27, 28, 31, 34, 35, 36, 37, 127
Avaliação Psicológica 139, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 157, 158, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 273

C

Comportamento Sexual 127, 128, 129, 130, 137
Compreensão Diagnóstica 74, 75, 82, 89, 90
Comunicação 57, 58, 61, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 112, 128, 129, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 224, 227, 229, 281, 283, 284, 285, 304, 329
Criminalidade 92, 93, 101, 119, 124, 264

D

Deficiência Intelectual 196, 199, 200, 201, 202, 205, 208
Depressão 2, 3, 17, 26, 27, 28, 31, 32, 36, 37, 59, 70, 104, 124, 143, 147, 192, 216, 258, 268, 299, 301, 327
Desamparo 21, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 51, 52, 53, 54, 55, 122
Diagnóstico 26, 27, 66, 69, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 89, 90, 155, 172, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 188, 190, 191, 192, 194, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 248, 250, 251, 254, 255, 256, 259, 261, 262, 264, 327
Direitos Humanos 68, 92, 121

E

Entrevista Clínica 275, 276, 277
Estruturas Clínicas 1
Existencialismo 92, 98, 233, 234, 247, 298

F

Família 8, 12, 18, 21, 22, 23, 41, 50, 65, 70, 71, 82, 97, 103, 104, 110, 111, 120, 130, 135, 136, 166, 178, 181, 182, 186, 187, 188, 189, 192, 195, 196, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 224, 235, 239, 240, 242, 260, 261, 263, 276, 277, 278, 280, 281, 282, 284, 285, 287, 299, 314, 320, 323

G

Genograma 275, 278, 279, 280, 281, 282

Gestação 119, 122, 124, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 195, 259, 263

Gestalt-Terapia 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 89, 90, 91

Grupo de Apoio 103, 105, 106, 107, 109, 113

H

Heteronormatividade 12, 13, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 95

Heterossexualidade Compulsória 12, 13, 15, 16, 25

Hierarquia Familiar 209

I

Infâncias 233, 236, 238, 239, 244

L

Lesbianidade 12, 14, 16, 20, 21, 23, 24

M

Materialismo Histórico-Dialético 226, 227, 228

Modelo Relacional-Sistêmico 275, 276, 277, 285

Mudança 9, 56, 58, 59, 61, 62, 82, 86, 95, 97, 109, 146, 152, 209, 210, 212, 224, 234, 269, 275, 276, 281, 283, 302, 313, 318, 323, 324

N

Neuropsicologia 196, 205, 206, 207, 232

Novas Tecnologias 56, 61, 62, 63

P

Pandemia 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 53, 54

Patriarcado 12, 13, 16, 17, 19, 20, 23, 24, 25, 50

Percepção de Apoio Familiar 128, 130

Personalidades Fílmicas 1, 5, 9

Política 13, 15, 20, 21, 22, 24, 39, 42, 43, 50, 51, 52, 53, 54, 68, 69, 73, 79, 96, 104, 105,

109, 114, 192, 230, 295, 297, 329

População em Situação de Rua 103, 104, 105, 106, 111, 112, 113, 114, 115

Porte de Armas 97, 102, 150, 151, 152, 166

Princípios Éticos 63, 65, 66, 68, 131

Psicanálise 9, 10, 11, 12, 14, 16, 25, 26, 27, 33, 38, 39, 42, 46, 48, 51, 53, 59, 64, 75, 162, 298, 330

Psicofarmacologia 196

Psicologia Escolar e Educacional 226, 227, 230

Psicopatologia 18, 26, 27, 28, 31, 37, 72, 83, 90, 259, 260

Psicoterapia Online 56, 58, 59, 60, 61, 62

Pulsão de Morte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 44, 45

Q

Qualidade de Vida 68, 104, 141, 147, 178, 191, 196, 203, 204, 205, 207, 225, 272, 315, 316, 318, 319, 320, 321, 324, 327, 328

R

Reabilitação 94, 196, 199, 203, 204, 205, 207, 222, 223, 328, 329

Regulação Emocional 265, 268, 269, 270, 272, 274

Relação Médico-Paciente 65, 66, 67, 68, 69

Resiliência 289, 290, 291, 292

S

Saúde 13, 21, 24, 28, 32, 34, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 58, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 84, 99, 103, 104, 105, 106, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 148, 149, 151, 154, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 201, 203, 204, 205, 208, 220, 222, 223, 224, 225, 242, 251, 254, 260, 263, 264, 265, 269, 272, 273, 277, 294, 300, 315, 316, 317, 319, 320, 324, 326, 328, 329

Supereu 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 25

T

Telemedicina 65, 72

Transtornos do Neurodesenvolvimento 226, 230

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2021